



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

14117 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT06 - Educação Popular

EXISTE CIDADANIA GLOBAL QUE NÃO SEJA POPULAR? APORTES A PARTIR DA PERSPECTIVA LATINO-AMERICANA

Carolina Schenatto da Rosa - UCS - Universidade de Caxias do Sul

Agência e/ou Instituição Financiadora: FAPERGS

EXISTE CIDADANIA GLOBAL QUE NÃO SEJA POPULAR? APORTES A PARTIR DA PERSPECTIVA LATINO-AMERICANA

Resumo: O texto, de caráter ensaístico, tem como objetivo compreender de que forma o pensamento latino-americano, em especial a educação popular, pode contribuir para a construção de sentido(s) em torno da temática da cidadania global. Do ponto de vista metodológico, o ensaio apresenta caráter teórico-bibliográfico e estrutura-se em torno da seguinte questão: de que forma a educação popular contribui ou pode contribuir para a construção de sentidos em torno da temática da cidadania global? São identificados três elementos comuns para uma possível resposta: as resistências e revoluções latino-americanas; a ecopedagogia e a transformação social. Na conclusão é defendida a ideia de que os princípios da cidadania global, em especial aquela adjetivada como crítica, se sustentam na perspectiva da educação popular.

Palavras-chave: Educação Popular, Cidadania Global, revolução, ecopedagogia, transformação social.

Introdução

A cidadania global não é uma temática nova, ela tem sido abordada sob diferentes

perspectivas desde a segunda metade do século passado. É possível interpretar a urgência de se (re)pensar a cidadania em uma dimensão ampliada como uma consequência natural do processo de globalização, uma *mudança* social necessária para que a sociedade se integre em um mundo marcado pelos avanços tecnológicos e pela interconectividade. É possível imaginar, também, que a cidadania global representa uma ruptura com o modelo moderno de estado-nação, com a ideia de que pertencemos a uma parte específica do mundo e nos identificamos com ela. É possível compreender a cidadania global como uma ampliação de direitos, uma reafirmação da universalização de valores e direitos humanos, como solidariedade e democracia, por exemplo. Ainda, considerando que essas perspectivas, assim como muitas outras, não são excludentes, é possível encarar a cidadania global como um conjunto de práticas em prol da superação das desigualdades, da integração e do diálogo intercultural, da inter-relação entre concidadãos do planeta terra, do respeito e da paz - é dentro desta perspectiva que se encontra a noção defendida pela Unesco e adotada como referência neste trabalho.

Moacir Gadotti (2001) e Leonardo Boff (2015) concordam que “a terra é um novo paradigma” e que é a partir dela que se deve pensar a cidadania global. Isto é, somos uma totalidade, uma única comunidade que coabita o mesmo espaço, ao mesmo tempo. O paradigma da terra, “supõe o reconhecimento de uma comunidade global, de uma sociedade civil planetária” que assume o compromisso ético, político e pedagógico de criar alternativas viáveis à “[...] lógica que explora as classes sociais, que cria pobres e oprimidos [...] que explora a natureza e exaure seus recursos” (GADOTTI, 2001, p. 117). É possível encontrar referências a este paradigma em diversos textos da Unesco, como explicita o professor Torres (2017), e compreender que, nesta perspectiva, a cidadania global assume contornos muito próximos ao que Fernanda Paulo compreende como “paradigma da educação popular freireana”; ou seja, pauta-se em “uma epistemologia política, ética, metodológica e pedagógica libertadora – o que demanda construção permanente, participativa, dialógica e crítica, mediante relação teoria, prática e reflexão com vistas a diferentes transformações sociais: micro e macro” (PAULO, 2023, p.14).

O paradigma da terra permite-nos compreender a cidadania global em perspectiva latino-americana. Carlos Torres tem reforçado em diversos de seus escritos que a cidadania global é uma “intervenção em busca de conceito” (TORRES, 2015; 2017; GADOTTI, TORRES, 2018; TORRES; BOSIO, 2020); ou seja, é um conjunto de práticas com caráter intrinsecamente pedagógico e crítico. Assim, parece-nos necessário compreender de que forma a educação popular (EP) pode contribuir com a conceituação da cidadania global; ou melhor, se e como o “paradigma da educação popular freireana” se constitui como elemento fundante da cidadania global (e, por consequência, da educação para a cidadania global) tal qual ela é compreendida a partir da UNESCO. A pergunta que provocou esta breve reflexão é: existe alguma prática interventiva de cidadania global que não seja popular?

Do ponto de vista metodológico, o texto assume as características de ensaio teórico, estilo que se caracteriza por sua natureza reflexiva e interpretativa (MENEGUETTI, 2011).

São apresentados três elementos que permitem tecer relações entre a cidadania global e a educação popular: ao tratar de “uma cidadania marcada por colonizações e revoluções” argumenta-se que a “cidadania global”, embora tenha surgido na gramática do século XX, se desenvolveu enquanto prática da/na luta anti-colonialista e do compromisso ético-político com a democracia em perspectiva inter/transnacional na América Latina. Em “uma cidadania marcada pela ecopedagogia” busca-se evidenciar como a cidadania global se orienta (ou se traduz) em uma prática pedagógica que compreende a sustentabilidade em perspectiva decolonial. E ao falar de “uma cidadania para a transformação social” aborda-se a cidadania global como uma utopia, a esperança que permite criar as intervenções em prol da transformação social. Por fim, em um exercício de síntese, a pergunta motivadora é respondida a partir do argumento de que a cidadania global se sustenta na perspectiva da educação popular.

Uma cidadania marcada pelas colonizações e revoluções

No prefácio do livro “Rebel Literacy: Cuba’s national literacy campaign and critical global citizenship” (ABENDROTH, 2009), o professor Peter MacLaren apresenta o que é a “cidadania global crítica” da qual a obra trata, sinalizando que a práxis pedagógica desenvolvida pela campanha de alfabetização cubana (cujas raízes cresceram no solo da educação popular) é o elemento central desta cidadania “outra” e o que a difere das práticas (re)produzidas em outras partes do mundo. O adjetivo “crítica”, neste contexto, refere-se a uma orientação que questiona o status quo e as premissas que o sustentam, que resiste às opressões e que luta para criar novas realidades em consonância com a dignidade humana (ABENDROT, 2009). Para MacLaren, a cidadania global é um “termo guarda-chuva”, que na América Latina se desenvolveu a partir de estratégias e táticas (ou meios e objetivos) estruturados em torno da tríade “educação popular”, “pedagogia crítica” e “revolução” (termo que poderia ser lido e traduzido como “decolonialidade”).

A base dessa cidadania global crítica, afirma Peter MacLaren (2009), é, portanto, o caráter inter/transnacional da EP enquanto campo de ação e reflexão acerca da construção de um senso de comunidade e de igualdade. Encontramos na construção da cidadania global crítica os “valores revolucionários” da educação popular – aquilo que compõe o seu *ethos*: o reconhecimento do racismo como marca estruturante das sociedades latino-americanas; a histórica conexão entre as lutas indígenas e populares latino-americanas ao longo dos últimos 5 séculos; as lutas feministas; uma nova cultura de participação e democracia; o respeito à diversidade. Ação e reflexão que fundamentam-se na pedagogia crítica de referência freireana – “entendo por pedagogia crítica o trabalho que vem sendo desenvolvido desde que Paulo Freire escreveu *Pedagogia do Oprimido* [...]”, disse Mark Abendroth, lembrado por MacLaren no prefácio.

Uma cidadania marcada pela ecopedagogia

Parafraseando Misiaszek (2020), a ecopedagogia é essencialmente uma alfabetização para a (re)leitura dos atos de violência ambiental cometidos pelos seres humanos a partir da perspectiva da educação popular. As raízes da ecopedagogia, diz o autor, nutrem-se do pensamento latino-americano, em especial das reinvenções das pedagogias freireanas, fundamentadas no pensamento crítico e na transformação da realidade com vistas à promoção da justiça socioambiental. Nascida entre a Costa Rica, com Francisco Gutiérrez e Cruz Prado, e o Brasil, com Moacir Gadotti e Leonardo Boff, a ecopedagogia “se consolida como uma produção teórica e pedagógica, mas também como uma filosofia latino-americana que se apresenta ao mundo” (DICKMANN, 2022, p.17).

Tendo como lente interpretativa a EP, a premissa de que somos todos (humanos ou não) concidadãos e de que vivemos de forma integrada no planeta terra – um dos argumentos centrais da cidadania global – fundamenta-se na compreensão de que a leitura do mundo é uma leitura ecopedagógica; isto é, não limita a compreensão de cidadania à antroposfera, como o termo originalmente remete, mas amplia sua interpretação à intervenção sociopedagógica das transformações ambientais do/no planeta terra. Em uma perspectiva crítica, cidadania global e ecopedagogia são, assim, temas epistemologicamente complementares e codependentes (retroalimentados), ou seja, uma das variáveis que nos permite adjetivar a cidadania global como “crítica” é, justamente, a compreensão ecopedagógica e eco-humanista de que: a) não se trata exclusivamente da relação que construímos entre seres humanos ou entre seres humanos e o mundo em sua dimensão geográfica, trata-se da nossa relação com a terra enquanto organismo vivo (GADOTTI, 2001; BOFF, 2015); b) transformar nossa relação com a terra consiste em um “giro” epistêmico para nos reinventarmos enquanto cidadãos, e esse giro perpassa por repensarmos três pilares, apresentados pelo professor Dickmann (2022), que consideramos centrais da práxis decolonial: patriarcado, modernidade e capitalismo. E uma das variáveis que nos permite compreender a ecopedagogia como um “outro” paradigma possível é o fato de que ser cidadão, hoje, é mais do que ter um passaporte que nos permita viajar, mais do que a legítima busca pela garantia e manutenção de direitos individuais; a ecopedagogia parte de um novo senso de humanidade e de comunidade, pautado pela superação das desigualdades e pela cultura da vida (TORRES; GADOTTI, 2018).

Uma cidadania para a transformação social

Utopia. Esta é uma palavra-chave para compreendermos a EP enquanto movimento permanente para a transformação social; assim como para compreendermos a cidadania global não apenas enquanto prática, mas também enquanto parte da utopia necessária para que continuemos caminhando no século XXI. Utopia aqui não representa o impossível, irreal; utopia representa “esperança crítica”. Ela “[...] é, em primeiro lugar, um topos da atividade humana orientada para um futuro; um topos da consciência antecipadora e a força ativa dos

sonhos diurnos” (FREITAS, 2010, p. 489). É por meio da utopia, em sua perspectiva freireana, que compreendemos a cidadania global como uma prática voltada à transformação social.

Mas que transformação é essa? Como a utopia leva a cidadania global e a educação popular em direção a um horizonte de sentido compartilhado? Oscar Jara (2010) nos ajuda a compreender o sentido de transformação social dentro perspectiva da EP diferenciando-a de “mudança social”. Enquanto a mudança pode ter caráter parcial e adaptativo, a transformação representa um movimento de desacomodação, por vezes de ruptura, com a racionalidade vigente. É um processo que busca superar as relações de dominação, opressão, discriminação, exploração, desigualdade e exclusão. Assim como a educação popular, a cidadania global pode ser compreendida como um exercício de práticas com intencionalidade transformadora. Ela fundamenta-se em princípios ético-políticos para a construção de relações igualitárias e justas entre a terra e seus concidadãos.

Conclusão

Parece um tanto quanto óbvio dizer que um exercício de cidadania – seja local ou global - é um exercício popular. Ao questionar se existe uma cidadania global que não seja popular, referimo-nos ao sentido de popular definido por Jara (2010) como uma integração entre as dimensões socioculturais e políticas dos sujeitos por meio de uma ação pedagógica. Este texto buscou explicitar algumas das muitas relações possíveis entre os princípios ético-políticos que orientam a cidadania global e a educação popular. Enquanto fenômeno sociocultural e concepção pedagógica (JARA, 2010), a educação popular constitui-se como uma prática, um exercício de (re)criação e transformação da realidade. Ela é, por excelência, uma utopia, a “mola propulsora indispensável na luta por uma existência humana mais digna e um mundo melhor” (STRECK, 2023).

O esperar, traduzido neste texto por meio dos três elementos apresentados como argumento central, apresenta-se tanto como mola propulsora da cidadania global, quanto como base que sustenta esta intervenção em busca de conceito. As lutas (de)coloniais, a ecopedagogia e a transformação social - elementos fundantes da educação popular enquanto práxis – constituem-se, assim, como horizonte da cidadania global.

Referências

ABENDROTH, Mark. *Rebel Literacy: Cuba’s national literacy campaign and critical global citizenship*. Litwin Books: Duluth, 2009.

BOFF, Leonardo. *Ecologia: grito da terra, grito dos pobres: Dignidade e direitos da mãe terra*. São Paulo: Editora Vozes, 2015.

- FREITAS, Ana Lúcia S.. Utopia. In: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime J. *Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- JARA H. Oscar. Popular Education and social change in Latin America. *Oxford Press and Community Development Journal*, v. 45, n.3, 2010, p.287-296. Doi: 10.1093/cdj/bsq022
- MACLAREN, Peter. Forward. In: ABENDROTH, Mark. *Rebel Literacy: Cuba's national literacy campaign and critical global citizenship*. Litwin Books: Duluth, 2009.
- MENEGHETTI, Francis. K.. O que é um ensaio-teórico? *Revista de Administração Contemporânea*, v. 15, n. 2, 2011, p. 320–332. Doi: 10.1590/S1415-65552011000200010
- MISIASZEK, Greg W. *Ecopedagogy: Critical environmental teaching for planetary justice and global sustainable development*. LA: Bloomsbury, 2020.
- PAULO, Fernanda S. Educação popular freiriana como paradigma da educação do campo e da educação ambiental. *Geografia Ensino & Pesquisa*, v. 26, 2023. Doi: 10.5902/2236499472224
- STRECK, Danilo R.. A educação latino-americana e seus labirintos: sobre resistências, insurgências e utopias. *Educação em Revista*, 39, 2023, e26731. [Doi: 10.1590/0102-469826731](https://doi.org/10.1590/0102-469826731)
- TORRES, Carlos A. Global citizenship and global universities. The age of global interdependence and cosmopolitanism. *European Journal of Education*, 50. 2015, p. 262–279.
- TORRES, Carlos A. *Theoretical and Empirical Foundations of Critical Global Citizenship Education*. NY: Routledge, 2017.
- TORRES, Carlos A.; GADOTTI, Moacir. Educar para a cidadania global e planetária. In: GADOTTI, Moacir; CARNOY, Martin. *Reinventando Freire: a práxis do Instituto Paulo Freire*. São Paulo: Instituto Paulo Freire/Lemann Center: 2018.
- TORRES, Carlos A.; BOSIO, Emiliano. Global citizenship education at the crossroads: Globalization, global commons, common good, and critical consciousness. *Prospects*, v. 48. 2020, p. 99-113. Doi: 10.1007/s11125-019-09458-w